

# HISTÓRIAS DE MARIA

*Maria Cristina de Aguiar Campos<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo apresenta aspectos da vida de uma contadora de histórias e pantaneira centenária, D. Maria, inserindo-a no contexto sociocultural do Pantanal de Poconé-MT, e analisa simbolicamente uma de suas narrativas, que ilustra a transição de uma saga local para um conto de fadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pantanal Mato-grossense, cultura, imaginário, narrativas orais.

**ABSTRACT:** This paper presents life aspects of a storyteller and centennial pantaneira woman, named Mrs. Maria, including her into the socio cultural context of the Pantanal of Poconé-MT. This study symbolically analyzes one of her narratives, illustrating the transition of a local saga for a fairy tale.

**KEYWORDS:** Pantanal Mato Grossense, culture, imaginary, oral narratives.

---

**1** Doutora em Educação, pela Universidade de São Paulo (USP); professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no IFMT – Campus Cuiabá. E-mail: crisag05@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

Conheci Dona Maria quando fui a campo, em 1996, coletar dados para a minha dissertação de mestrado. Tivemos vários encontros desde então, nos quais ouvi e gravei muitos “causos” de sua infância e meninice. Ela faleceu em 2006, com idade em torno de 108 anos. Sua memória remontava ao tempo dos escravos e de quando os índios chegavam em grupos na fazenda onde morava, no Pantanal de Poconé-MT, com seus arcos e flechas; as crianças então corriam e se escondiam debaixo das camas, com medo. Ela nunca foi registrada em cartório e a igreja em que foi batizada incendiou, perdendo-se a certidão de batismo. Sua idade foi levantada com a comunidade e o sobrenome que adotava lhe foi emprestado pela família que a criou, o que era comum antigamente<sup>2</sup>.

Algumas das histórias contadas por ela não foram exploradas no meu mestrado. Neste artigo, analisarei uma interessante do ponto de vista sociocultural e simbólico.

## A NARRADORA

Presume-se que D. Maria seja filha de um grande fazendeiro da região do Pantanal de Poconé-MT com uma de suas escravas. Logo que nasceu, foi entregue à esposa dele na condição de sua afilhada, que a criou como agregada, não lhe faltando o básico, mas sempre desempenhando funções domésticas e subalternas. Quando a esposa faleceu, ele se casou com uma prima dela. Os casamentos consangüíneos também eram comuns, pois havia poucas mulheres brancas disponíveis, uma vez que a vida nas minas e o desbravamento dos sertões, desde o Período Colonial, era demasiado rude para as mulheres europeias. Mais tarde, separaram-se e Maria ficou, por toda a vida, com ela e com a nova família que constituiu, servindo-os. Nunca se casou.

---

<sup>2</sup> Dona Maria era uma típica *agregada*, denominação que recebiam os empregados que tinham residência permanente nas fazendas.

Um dado cultural importante para uma leitura mais pertinente da história que será narrada a seguir é o fato já apontado por Abílio Leite de Barros (1998) de que existe, na região pantaneira, uma pequena elite diretamente descendente de nobres portugueses que veio para Mato Grosso, no Período Colonial, em busca do ouro ou mesmo ocupando cargos de confiança da Coroa portuguesa. Com o rápido esgotamento do ouro aluvional e sem recursos para voltar a Portugal, restou-lhe a opção de ocupar os imensos vazios demográficos em litígio entre Portugal e Espanha. Com o tempo, como metaforicamente assinala uma fonte oral, “*a porcelana inglesa se quebrou e tiveram que aprender, com os índios, a produzir e utilizar a cerâmica de barro*”. Essa nobreza falida perdeu quase tudo, menos a pose. Até hoje existe, em toda a tradicional Baixada Cuiabana e pantaneira, um sentimento de orgulho exagerado expresso, inclusive, na máxima: “*sou cuiabano de chapa e cruz*”, expressão que pode ser interpretada como uma clara alusão ao brasão que identifica a nobreza medieval. O poeta Manoel de Barros (2002, p. 61), por exemplo, confirma: “Venho de nobres que empobreceram. / Restou-me por fortuna a soberba [...]. Orgulho exagerado é um problema, tanto para os indivíduos quanto para as comunidades.

Posteriormente, outra característica que se agregou ao sentimento de nobreza foi a valorização da educação escolarizada, por parte de um tipo de elite mato-grossense. Muitas famílias se sacrificavam para enviar e manter os filhos nos grandes centros, principalmente no Rio de Janeiro, então capital federal e principal ponto de contato do Brasil com a Europa. Quando retornavam, com seus diplomas e anéis de “doutores”, tornavam-se os melhores partidos para as “moçoilas casadoiras”, finas flores das elites, vindo a ocupar altos cargos públicos e vinculando-se à política, especialmente em Cuiabá.

Historicamente, observa-se na região a constituição de comunidades pequenas, preservando um conservadorismo medieval em função do insulamento sob o qual se manteve durante séculos, que busca preservar, a todo custo, a aparência de uma “moral ilibada” e a manutenção de “bons costumes”. Obviamente, acontecia de tudo: roubos

de gado e terras entre vizinhos e parentes, traições, incestos, bigamias, adultérios, fugas de moças apaixonadas com “plebeus” que os pais mandavam perseguir, punir e/ou matar. Apesar da violência que certas ações envolviam, tudo ficava muito bem escondido sob uma aparente tranqüilidade e distinção.

Esse costume de mascarar, omitir e, se necessário, mentir preservou-se, criando uma complicada teia de informações falsificadas que se intercruzam. As fontes orais, quando se deparam com perguntas que demandam respostas comprometedoras, omitem fatos, dados, procuram confundir o pesquisador e desviá-lo da verdade sobre fatos considerados pela comunidade vergonhosos ou ilegais. Uma das fontes, esclarecendo sobre essas lacunas, afirmou que, na região do Pantanal de Poconé, as pessoas “*inventam uma realidade e fingem acreditar que aquilo é verdade*”, o que, de fato, acontece em toda parte, em gradações distintas. No contexto da narrativa que será apresentada, essa característica é acentuada.

A história pessoal de D. Maria é um exemplo. Ela sabia quem era o seu pai, mas fingia não saber. Embora sua pele fosse negra, na condição de “afilhada” da madrinha branca e também por esta ter-lhe emprestado seu sobrenome, não se via como tal; seu ideal de beleza era uma pessoa de pele clara, “*alva*”, de cabelos loiros cacheados e olhos claros. Inconscientemente, ela assumia um tipo de racismo através do qual se negava. Nota-se que a negação da própria identidade é um traço que a singularizava. Aliás, identidade é um tema através do qual seria possível abordar e analisar esta história e sua narradora.

É interessante observar que a única narrativa que se insere no gênero Contos de Fadas recolhida durante minha pesquisa de Mestrado foi *A gata borralheira*, contada e transformada por Dona Maria, recheada de elementos do ambiente pantaneiro de sua infância. Ela a chamava de *Maria Borralheira*, ou seja, ela se sentia como aquela garota que vivia com uma madrasta em um ambiente estranho...

## A NARRATIVA

Percebe-se uma graduação que vai daquilo que Marie-Louise Von Franz (1990) denomina “saga local”, uma narrativa verídica de algum fato importante para o indivíduo ou para a comunidade que, de tanto ser recontada, ao longo do tempo, perde a identidade reconhecida localmente e adentra na esfera mítica, mesmo porque, ao recontar o fato, os narradores vão acrescentando outros elementos, o que corresponde à noção de mito esboçada por Gilbert Durand (1989), que é justamente uma narrativa à qual são acrescidos componentes imaginários simbólicos.

A história abaixo se situa na transição entre uma saga local e um conto de fadas, sem a riqueza de mitemas que o caracterizam, mas já com personagens e enredo típicos do gênero. Aqui, procurarei apenas apontar alguns simbolismos que aparecem, sem esmiuçá-los em profundidade.

Na perspectiva junguiana, os contos de fada são os mitos da infância<sup>3</sup>, e a arte de contá-los é fundamental para o equilíbrio psíquico e emocional da criança, para a revitalização do seu imaginário, pois permite a realização de seus desejos mediante a existência mágica que ela confere às personagens que os compõem (ARAÚJO, 2004, p. 161-162).

Um dado histórico que é importante acrescentar sobre a região é que, até a década de 1970, predominava no Estado de Mato Grosso a tradição oral e um modo de vida secular adaptado ao meio ambiente<sup>4</sup>, em relativo insulamento. Com a política desenvolvimentista do governo militar que estimulou a migração massiva para o Estado e, atualmente, com a pressão de uma agricultura monocultora e predatória, paisagens foram rapidamente transformadas ou destruídas e costumes violentamente alterados, o que faz com que os pantaneiros (sobretudo os mais idosos) reconheçam e nomeiem duas tradições: o *sistema dos antigos ou dos*

<sup>3</sup> Cf. Bruno Bettelheim (1984) e Marie-Louise von Franz (1990).

<sup>4</sup> Cf. Campos Filho (2002) e Campos (2004), onde costumes e imaginário do sistema dos antigos são caracterizados, a partir de entrevistas com idosos.

*velhos* e o *sistema dos novos*<sup>5</sup>. Isso é muito claro e pontua as suas falas, de forma a reconhecer essa dupla lógica, o que pressupõe princípios conflitantes de modos de relação entre os homens e destes com a natureza.

Uma característica da cultura pantaneira, no *sistema dos antigos*, é a força da tradição oral. Não havia livros, exceto entre uma pequena parcela das elites, portanto não se contavam os contos de fadas maravilhosos e universais. Uma fonte afirma que não havia “era uma vez”, e sim “isto aconteceu comigo”, de modo que as histórias narradas reportavam-se a fatos da comunidade e, com o tempo, revestiam-se de simbolismos.

Nota-se uma interessante característica da narradora, pouco comum neste gênero, que é o de fragmentar a estrutura da narrativa, complexificando-a, por isso a transcrevi em blocos:

M: *Nesse tempo, uma senhora diz que veio de... Como que chama, gente? Ela chamava dona Maria. Dona coraaaada! Do Ceará. Ela foi pegar água no rio porque no Ceará diz que tava seco, né, e diz que tinha uma cacimba de pegar água no Pantanal. Todos pegava pote pra ir pegar água. E ela deixou um casal de filhos na chácara. Brincando. E uma menina mais boniiita!... Conhecemos. Diz que veio parar aqui em Cuiabá.*

*Passa um negrão – mas é bem feeeio! –, matou um que o... senhor, pai do moço, pôs os dois no colégio pra educar. O filho era estudo-so, formou. E esse, que diz que tava criando, não quis formar, não quis nada. Aí, quando o filho formou, esse negrão matou o irmão. Roubou o documento e passou na porta da casa da dona Maria e roubou a menina. Menina bonita!*

*Daqui [de Cuiabá] foi pra Poconé. Eles ia andando, assim, pra não tomarem a menina. Loira, cabelo aqui assim [no ombro] cacheado,*

<sup>5</sup> Quando se fala no *sistema dos antigos*, a faixa etária das fontes orais geralmente é acima de 60 anos; no *sistema dos novos*, ela varia de 35 a 59; os mais jovens (abaixo de 35 anos), em geral, não querem saber ou afirmam nunca terem ouvido falar do modo de vida antigo.

*a coisa mais linda a menina! Muitos saía da janela aqui em Cuiabá [fala sussurrando, em segredo]. Na porta, passou por nós, seguro na mão dela. A menina tava mais ou menos da altura assim... [1,50 m]. Daqui, ele ia pra Poconé; de Poconé, ele ia pra Cáceres; pra não pegarem eles.*

*Tinha um moço de Cáceres estudando no Rio. Aí, aqui em Poconé que deram a notícia, porque passavam telegrama, carta, por todo lugar, e a mãe chegou aqui, na casa de Pedro Biancardini, deram... bastante gente deram... ajuda pr'ela, né? Ela ia pra Cáceres, voltava pra pegar. Quando ele [o negrão] sabia que ela foi pra Cáceres, ele vinha pra cá.*

*Foi até que um dia, em Poconé, uma costureira por nome... Nbala, a menina contou a história pr'ela, pediu ajuda. Ela respondeu:*  
— Óia, eu solto ocê por aqui, ocê vai entrar naquela casa. — E ele ficou na sala. Quando ele viu que tava demorando, na hora que ela ia pra sortá a menina, ele meteu a mão na porta, abriu. E chamou a menina, saiu co'ela. Aí, pegou, foi pra Cáceres.

*Chegou em Cáceres, esse moço que tava estudando no Rio formou médico. Aí lá chegou, ele achou a história, falou:*

— Pois eu vou tomá essa menina e vou casar co'ela. — Aí falaro assim:

— Não toma, porque o negrão não deixa! — Ele falou:  
— Eu tomo!

*Pôs bastante gente na travessia que travessa de Cáceres pra Bolívia, né? Pôs lá, diz que, quando assusto, ele pediu, ele falou:*

— Cuidado co não atirá na menina.

*Aí a dona Maria foi, depois ela começou a andar de a pé e num cavalinho. O cavalinho já comprehendia ela, parou lá na Cutia, ela passava mão no cavalinho, abraçava o cavalinho. Madrugada, na hora certo dela montar e sair co'ele, ele rinchava.*

*Aí ela posou lá na Cutia, ela armou a rede pra posar. Era comadre de tia Filinha. Uma viúva. Ela falou pra tia Filinha. Tia Filinha falou:*  
— Nós inda vamos ver o que que é esse.

*Ela dormia co revórve e punhar na rede. Aí ela saiu. O cavalinho na hora certo rinchava. Todo mundo ficou assustado de ver. Era madrugada, toda vez que ela pousava na Cutia, diz que, chegou madrugada, o cavalinho rinchava três vez. Ela levantava, falava:*

— Dona Filinha, já vou. Tá me chamando o cavalinho!

*Mas, lá, ficaram tudo admirado! Aí ela saía, ia pra Cáceres.*

*Aí, quando chegou em Cáceres, já ia atravessar pra ir pra Bolívia, e tava... acho que quatro no travessio. Ele falou:*

— Cuidado co'a menina!

*Pois o médico falou que atirasse, matasse ele pra tomar a menina pra ele que ganhava um bom presente dele. Teve um que, quando ele foi pra travessia, diz que... ele travessou do lado de lá e pediu ajuda pros boliviano. Diz que, quando ele ia pra atravessar, o moço deu o tiro nele foi no lugar [gesticula, mostrando que o negro caiu duro no chão]. Aí diz que pegaram a menina, de lá do travessio veio e falou pro médico:*

— Tá aqui a menina.

*E casou co'a menina. A dona Maria falou pra nós, diz que ela pôs a mão, agradeceu a Deus, à Virgem Maria.*

C: *Ela encontrou a mãe depois?*

M: *Encontrou. Aí ela veio falar pra tia Filinha co tio Ribeiro, porque aí também dava a mão pra ela. Ela achou bastaaaaante pra ajudar ela. Achou Pedro Berardino, tudo esses... Uma turma de negociante daqui, que ela esteve na casa dele, deu dinheiro pr'ela...*

O Pantanal de Poconé possui áreas de Cerrado que chegam a enfrentar escassez de água, sobretudo no período da seca. Há regiões que, de tão áridas, possuem inclusive cactus em sua formação vegetal. Os poconeanos utilizam a expressão “estava que era um Ceará”, por

exemplo, quando se referem a lugares muito secos. No texto, “Ceará” remete metaforicamente a esse tipo de localidade, ao mesmo tempo em que mascara a identidade local dos envolvidos no conflito, na medida em que aparentam ser de outro Estado, garantindo maior liberdade à narradora, ainda que ela se policiassem para não identificar os protagonistas.

Por outro lado, ao contar histórias, D. Maria costumava criar o que se poderia chamar de saltos transversais no espaço-tempo, elemento que insere a narrativa na esfera mítica. A mãe saiu do Ceará e foi buscar água numa cacimba, no Pantanal mato-grossense, deixando os filhos sozinhos na chácara. Certa vez, ela falou de um marinheiro que pulou uma janela no Rio de Janeiro e, sem saber o porquê, imediatamente veio parar em Cuiabá.

Quando a mulher retornou, a filha tinha sido raptada. A dor da mãe, cujo nome (não por acaso) era Maria (como a própria narradora), porque se remete ao arquétipo<sup>6</sup> da Grande Mãe, é o elemento principal no conflito. Além disso, Maria é um nome muito comum; sem um sobrenome, auxilia a manter o anonimato e também já se coloca em proximidades míticas. Inclusive a parte em que fala de sua perambulação de fazenda em fazenda, de cidade em cidade no lombo de um cavalinho lembra a fuga de Maria, mãe de Jesus, para escapar da perseguição de Herodes. A dor desta Grande Mãe também faz lembrar a Deméter grega, no episódio do rapto de Perséfone por Hades.

D. Maria refere-se à garota raptada como “menina”, o que leva a crer, quase todo o tempo, que ela é uma criança; no entanto, ao longo da narrativa, apreende-se que se trata, no mínimo, de uma adolescente. Pode-se especular se não seria o caso de uma fuga, porque, pelas características do vilão, não se tratava de alguém bem-quisto pela comunidade: ele é

<sup>6</sup> Para Jung (2003, p. 33-34), *arquétipo* “significa um ‘Typos’ (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caracteres arcaicos, que, em forma e significado, encerra *motivos mitológicos*, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore”. Bachelard (1990, p. 203) ainda afirma que não basta representá-los como símbolos, mas concebê-los como *símbolos motores*. Então, um arquétipo é uma *série* de imagens que resume a experiência ancestral do homem diante de uma *situação típica*, ou seja, que não são particulares a um só indivíduo, mas podem impor-se a qualquer homem.

retratado como negro, filho adotivo, assassino e ladrão “dos documentos” do irmão, o que pode se referir tanto à identidade quanto ao patrimônio. Arquetipicamente, este fato o remete a Caim.

O detalhe da passagem com a costureira leva a entender que a “menina” viajava com ele contra a sua vontade, mas pode ser um dado acrescentado para despistar a verdade, ou seja, que ela fugia com ele de uma perseguição da família e da comunidade, pois a punição para tal ato era severa demais.

O circuito fechado da movimentação dos personagens forma uma triangulação entre as cidades de Cuiabá, Poconé e Cáceres, o que também configura um simbolismo. Vale ressaltar que, em um trabalho anterior (CAMPOS, 2004), demonstrei que a Baixada Cuiabana e pantanais encontram-se sob o semantismo das águas profundas bachelardianas, o que, na Astrologia, corresponde ao signo de Escorpião, que é regido por Hades ou Plutão, principal mito ao qual a história se vincula, por se tratar do sofrimento de uma mãe por causa do rapto de sua filha, uma donzela. Essa vinculação mítica não é casual. Particularmente, todas as histórias que venho recolhendo ao longo dos últimos dez anos inserem-se, de algum modo, neste semantismo.

A astúcia da narradora situa o assassinato do raptor justamente ali, na fronteira, mascarando o fato de que tal ato, caso fosse praticado em outro local, mesmo que justificado por uma boa causa, implicaria o envolvimento da justiça legal, que se responsabilizaria por sua apuração.

É comum, nos contos de fadas, a ajuda de algum animal mágico, sobretudo nos momentos de maior perigo ou desafio, que simboliza, em linguagem junguiana, a integração da “sombra”, ou seja, um aspecto instintivo da psique (JUNG, [19--]). A relação da mãe com o cavalinho sugere que se trata de um caso assim, pois as pessoas ficavam impressionadas com a comunicação que se estabelecia entre ambos, inclusive porque o animal relinchava três vezes, de madrugada, sinalizando a hora exata de partir. O número três também é significativo, pois constitui um padrão que se repete na história: três gritos do animal, três cidades...

O “príncipe encantado”, para os padrões da época, era o rapaz de “boa família” que ia estudar fora e retornava com o título de doutor. O protagonista é um médico que decide, como nos contos de fada, resgatar a princesa-donzela em perigo das garras do vilão. O prêmio, se vencer o desafio, é casar-se com ela. Para isso, arma uma emboscada justamente na fronteira com a Bolívia. Simbolicamente, a fronteira é a terra de ninguém, sem lei, onde se pode matar sem ter de prestar contas à justiça. O negro é assassinado, a moça é resgatada e devolvida aos braços da mãe, os dois se casam com a bênção da comunidade e são felizes para sempre.

## CONCLUSÃO

Este artigo apresentou uma história narrada por uma pantaneira centenária, D. Maria, que se caracteriza como uma saga local rica em imagens e possibilidades simbólicas, o que permite concebê-la como uma narrativa oral em pleno processo de mutação para se tornar um tradicional conto de fadas.

Para isso, basta que lhe sejam acrescentados mais percalços e alguns símbolos característicos, pois a saga local já possui a estrutura e os elementos deste tipo de gênero.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alberto Filipe. *Educação e imaginário*. Da criança mítica às imagens da infância. Maia-Portugal: Publismai, 2004. (Série Estudos e Monografias.)
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. Ensaios sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARROS, Abílio Leite de. *Gente pantaneira*. Crônicas de sua história. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1998.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1984.
- CAMPOS, Cristina. *Pantanal mato-grossense*: o semantismo das águas profundas. Cuiabá: Entrelinhas, 2004.

CAMPOS FILHO, Luiz Vicente da S. *Tradição e ruptura*. Ambiente e cultura pantaneiros. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [19--].

\_\_\_\_\_. *Fundamentos de psicologia analítica*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

VON FRANZ, Marie-Louise. *A interpretação dos contos de fada*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.